
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO: UM DESAFIO PARA O CRISTIANISMO NA CONTEMPORANEIDADE[1]

Valderêdo Clemente de Siqueira[2]

Resumo

Pretende-se neste artigo abordar alguns aspectos do itinerário seguido pela teologia cristã, no seu esforço de compreender a relação do Cristianismo com outras religiões, e escolher o caminho que possibilite a concretização do bem-estar humano aqui na terra. Evidentemente, numa sociedade em constantes transformações, inclusive com a globalização e processos migratórios, em que a pluralidade religiosa perpassa a reflexão teológica da modernidade, o diálogo inter-religioso apresenta-se como o grande desafio da atualidade a ser enfrentado pela Igreja, no sentido de possibilitar a compreensão entre as diversas tradições religiosas. Em tempos de tanta proliferação religiosa, um dos mais significativos e emergentes desafios para o século XXI é o diálogo entre as religiões. Ele é, de fato, um imperativo de nosso tempo. Constará na abordagem a exposição de três paradigmas: o exclusivismo, que tem como expressão simbólica máxima o axioma "Extra Ecclesiam nulla salus", que exclui qualquer possibilidade de salvação fora da Igreja. O segundo paradigma é o inclusivismo, que apresenta uma posição mais partilhada, pois inclui crenças de outras tradições não cristãs na esfera da salvação cristã. E o terceiro paradigma é o pluralismo, que na sua concepção todas as religiões participam da salvação de Deus, cada uma por si mesma e a seu modo. Após a análise dos três paradigmas, a abordagem será direcionada na perspectiva inclusivista, que tem como traço uma valorização das outras tradições religiosas, e é uma realidade significativa na contemporaneidade.

Palavras-chave: Exclusivismo, Inclusivismo. Pluralismo.

Introdução

A presente exposição, que tem como tema o Diálogo inter-religioso como um desafio para o cristianismo na contemporaneidade, visa analisar

---

[1] Trabalho apresentado no III Comgresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.

[2] Graduado em Economia (Faculdade de Ciências Humanas Esuda-Recife-PE), Graduado em Direito (Universidade Salgado de Oliveira -Recife-PE), Graduado em Teologia (Seminário Teológico Batista de Niterói-Rio de Janeiro), Pós-Graduado em Administração Financeira (Universidade de Pernambuco-UPE-Recife-PE), Pós-Graduado em Direito Civil e Processual Civil (Universidade Salgado de Oliveira-Recife-PE), Especialização em Administração Financeira para Empresas de Energia Elétrica (Universidade Mackenzie-São Paulo-SP). Professor em cursos de Graduação e Pós-Graduação nas áreas de Administração, Economia e Direito. Aluno do mestrado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: valdered@hotmail.com

alguns aspectos da teologia cristã no seu esforço de compreender a relação do cristianismo com outras religiões, e buscar o melhor caminho que possibilite a concretização do bem-estar humano aqui na terra.

Evidentemente, numa sociedade em constantes transformações, inclusive com a globalização e processos migratórios, em que a pluralidade religiosa perpassa a reflexão teológica da modernidade, o diálogo inter-religioso apresenta-se como o grande desafio a ser enfrentado hoje pela Igreja, no sentido de possibilitar a compreensão entre as diversas tradições religiosas.

Em tempos de tanta pluralidade religiosa, um dos mais significativos e emergentes desafios para o século XXI é o diálogo entre as religiões. Ele é, de fato, um imperativo de nosso tempo. Na verdade, estamos cada vez mais envolvidos num mundo repleto de "outros", de identidades religiosas distintas que se encontram, que se vinculam ou que entram em conflitos. Sem dúvida, as diferenças estão cada vez mais visíveis e ao alcance de todos. E podem ser objeto seja da preocupação, suspeita e altercação; seja da tolerância, reconciliação e diálogo.

Vale ressaltar, que é próprio do diálogo inter-religioso, nas suas várias formas, desvendar tudo aquilo que os cristãos e aqueles que não cristãos podem dizer e fazer em comum, apesar de suas irredutíveis diferenças. E faz parte da boa vontade ecumênica fornecer o impulso para tal empreendimento. O diálogo inter-religioso tem a sua grande importância, pois alimenta o espírito de tolerância e respeito com o diferente.

Dentro de uma visão mais ampla da pluralidade religiosa na modernidade, não há mais que pensar na possibilidade de manutenção de posicionamentos teóricos e práticos que sustentem a perspectiva de hegemonia de uma tradição religiosa sobre as demais. E assim, o diálogo inter-religioso passa a ser uma aventura consciente e enriquecedora para as tradições religiosas que se dispuserem a dialogar.

No intuito de tornar mais claro e compreensível o tema a ser desenvolvido, constará na abordagem a exposição de três paradigmas:

exclusivismo, inclusivismo e o pluralismo, classificação que é admitida no âmbito da teologia das religiões.

Novos paradigmas a partir da teologia

Exclusivismo

O paradigma exclusivista foi muito tempo propagado no âmbito católico romano, em especial na época dos Pais da Igreja, tendo como expressão simbólica máxima a famosa sentença "Extra Ecclesiam nulla salus" (fora da Igreja não há salvação), dito por São Cipriano, até pelo menos o Concílio Vaticano II. De acordo com esta visão, não pode haver salvação sem o conhecimento explícito de Jesus Cristo e a pertença à Igreja.

Para os católicos, a doutrina era definitivamente clara: neste mundo, só a Igreja Católica foi instituída por Deus, por Deus mesmo, em pessoa, por intermédio de seu Filho, e somente ela é depositária da revelação e da salvação; todas as outras religiões, ou mesmo qualquer um dos ramos desgarrados da Igreja Católica, estão fora da verdade e da salvação.

No campo protestante o exclusivismo adquire uma forma não eclesiocêntrica, mas centrada no tríplice princípio "sola fide", "sola gratia", "sola scriptura" (só a fé, só a graça, só a Escritura). Fora disso também não há salvação. Figura típica, símbolo importante na posição protestante, é Karl Barth (1886-1968). Sua posição se fez notável por seu radicalismo teológico, apesar de não ser do setor fundamentalista protestante.

Para os protestantes, a salvação vem pela entrega do ser humano, mediante a fé, à graça que o próprio Deus lhe oferece em Jesus Cristo. Só a aceitação da graça de Deus vinda por Jesus Cristo pode salvar o ser humano. Não há outro meio de salvação, a não ser pela aceitação, mediante a fé, no Filho de Deus, Jesus Cristo, único e verdadeiro salvador da humanidade. Assim, fora do cristianismo, a religião perfeita e a única verdadeira, tudo são trevas e alienação.

Na verdade, o exclusivismo é uma posição teológica praticamente abandonada hoje em dia pelo cristianismo em seu conjunto. Apenas grupos fundamentalistas, alguns novos movimentos religiosos fanáticos e grupos religiosos marginais sustentam hoje uma posição exclusivista. Sem dúvida, o cristianismo, majoritariamente, deixou esta posição e evoluiu para a posição inclusivista, que será abordada na sequência.

Sobre a posição exclusivista, Queiruga assim se refere:

> Em sua forma rígida, hoje é sustentada por quase ninguém; na prática, acaba se tornando "contrafigura" para fixar as demais posturas. Pode, de qualquer modo, apresentar-se em formas mais abertas que não excluem todo diálogo e tendem à segunda postura[3].

Inclusivismo

O segundo paradigma procura combinar a dupla afirmação do Novo Testamento sobre a vontade salvífica de Deus, concreta e universal, com o papel de Jesus Cristo como salvador universal; afirma que o mistério de Jesus Cristo e de seu Espírito está presente e opera para além dos limites visíveis da Igreja, tanto na vida individual das pessoas como nas tradições religiosas a que elas pertencem e praticam com sinceridade.

O inclusivismo apresenta-se como uma posição mais partilhada, que se caracteriza por incluir crenças de outras tradições não cristãs na esfera da salvação cristã. Esta posição ainda permanece refém do antigo imperialismo teológico, uma vez que restringe a salvação ao âmbito cristão.

O paradigma inclusivista, embora aceite aspectos positivos de outras tradições religiosas, é absolutamente cristocêntrico, pois nega a autonomia da salvação em outras religiões. Nesta perspectiva, a salvação só é possível em Cristo, porem o mesmo está presente por meio do seu Espírito em

[3] QUEIRUGA, André Torres. **O diálogo das religiões. 1 ed.** São Paulo: Paulus, 1997, p. 18

outras religiões. Por ser um paradigma com maior flexibilidade, o inclusivismo tem sido visto com bons olhos nos dias atuais, pois se percebe uma abertura mais definida a outros segmentos, sem negar a confessionalidade no Cristo. No entanto, há também riscos existentes nessa visão, pois, quando tudo pode ser incluído, pode-se cair num relativismo improdutivo. Outro ponto que pode ser considerado como risco, é o abarcar de muitas outras ideias para serem purificadas pelo Cristianismo. Sem dúvida, isso seria uma forma de inferiorizar outras ideologias em função de uma maior.

Vê-se, pois, que a passagem de uma visão do mundo eclesiocêntrica para uma cristocêntrica se refere ao abandono da perspectiva eclesiológica insustentável que considerava a salvação possível apenas mediante a profissão explícita de fé em Jesus Cristo dentro da comunidade eclesial.

Ademais, a mudança de paradigma do eclesiocentrismo ao cristocentrismo representa, com efeito, uma importante reviravolta, trazendo consequências não apenas para uma teologia das religiões (inclusivismo contra exclusivismo), mas para a teologia em geral, pois implica numa radical descentralização da Igreja, que se encontra agora re-centrada no mistério de Jesus Cristo. Agora, portanto, é Cristo e não a Igreja que está no centro do mistério cristão; a Igreja é, ao contrário, um mistério derivado, relativo, que encontra nele a sua razão de ser.

Vista assim, essa descentralização da Igreja, e sua consequente centralização em Jesus Cristo, é absolutamente necessária, se ela quiser evitar tendências eclesiológicas maximalistas, cujo exemplo extremo recai no extremo axioma “extra ecclesiam nulla salus” (Fora da Igreja não há salvação). Este axioma é um legado da Tradição, e se sujeita a interpretação que em vez de promover o diálogo, promove a estagnação ou o retrocesso, em vez de avanço. No que se refere à teologia das religiões, a mudança de paradigma do exclusivismo ao inclusivismo implica uma clara distinção entre o papel de Jesus Cristo e da Igreja na ordem de salvação.

Para muitos autores hoje se apresenta como insustentável não só a perspectiva eclesiocêntrica, mas também a cristocêntrica, dando lugar a uma visão do mundo teocêntrica, que defende a ideia de que não é mais possível referir a salvação universal a Jesus Cristo, independente do fato de que a fé nele seja professada de maneira explícita na Igreja ou não. Jesus Cristo não é mais considerado como Salvador constitutivo de toda a humanidade, cujo poder salvífico age além dos confins da Igreja cristã. Nesse entendimento, não é recusada apenas a ideia da obrigatoriedade da pertença à Igreja para a salvação, mas a mediação universal de Jesus Cristo na ordem de salvação.

Pluralismo

Daí nasceu o terceiro paradigma, o pluralismo. Para ele todas as religiões participam da salvação de Deus, cada uma por si mesmo e a seu modo. Ou seja, não há uma religião que esteja no centro do universo religioso. No centro está somente Deus. As religiões giram em torno de Deus como os planetas em torno do sol.

Os desdobramentos teológicos presentes no paradigma pluralista ou teocêntrico, em particular nas reflexões de John Hick e Paul Knitter, têm suscitado grande preocupação em certos circuitos teológicos, segmentos do magistério oficial católico, bem como em segmentos protestantes.

Segundo Hick, cada tradição em particular é percebida como uma totalidade diferente. Não visa, sob nenhuma hipótese, uma nova religião global, mas o reconhecimento de caminhos diferenciados de respostas ao Real[4] Além de John Hick e Paul Knitter, outros defensores desta corrente são Raimond Panikkar, Hans Küng e Roger Haight. Sem dúvida, a teologia do pluralismo religioso é o caminho que pode resolver o diálogo com as

[4] HICK, John. **Teologia cristã e pluralismo religioso.** São Paulo: Editorial, 2005.

demais tradições religiosas. Esse caminho é uma teologia do pluralismo religioso.

> O modelo proposto por Dupuis busca manter-se equidistante tanto do absolutismo quanto do relativismo. Trata-se de uma perspectiva que busca levar a sério a questão do pluralismo religioso, entendido como dado princípio e situado no desígnio de Deus para a salvação da humanidade. Sua proposta consiste em mostrar a compatibilidade da afirmação da identidade cristã com um reconhecimento autêntico da identidade das outras comunidades de fé[5]

A necessidade do diálogo inter-religioso em um mundo globalizado

Diante do atual momento em que vive o mundo, com os mais diversos conflitos econômicos, políticos, sociais e religiosos, e ainda com o advento da globalização e processos migratórios, os povos das diversas nações estão cada vez mais próximos. Sem dúvida, essa proximidade entre as nações vem possibilitar o diálogo inter-religioso, este tão necessário e urgente, a fim de que possa diminuir as guerras entre as religiões e promover a paz mundial.

A globalização é um dos fenômenos que caracterizam o nosso tempo e que impacta decisivamente a religião. Não é apenas uma globalização que se restringe a uma dimensão econômica, mas atinge a transformação de contextos culturais, sociais e até locais. Este fenômeno incide igualmente sobre as diversas crenças, cujos confins simbólicos não mais controlam suas fronteiras.

Com o surgimento da globalização acontece um processo de decomposição e reposição da identidade individual e coletiva que afeta e fragiliza os limites simbólicos das crenças e seus pertencimentos. A dinâmica dessa globalização e da pluralização correlata provoca a emergência de uma "ordem social pós-tradicional", em que as tradições,

[5] DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso**. São Paulo: Paulinas, 1999.

sem perder o seu sentido de identidade, mudam de status: são forçadas, do ponto de vista do discurso, a uma exposição. De fato, numa sociedade pós-tradicional as identidades religiosas são permanentemente provocadas a se declarar, a entrar em contato e se enriquecer com o diferente.

Assim, dentro dessa nova perspectiva, as tradições são colocadas diante de uma opção: ou se recusa ao engajamento discursivo e da comunicação ou a abertura ao diálogo. A escolha da primeira opção implica muitas vezes aderir ao fundamentalismo, que consiste na "defesa da tradição de forma tradicional", em reação às novas circunstâncias da comunicação global. A segunda opção, que é da comunicação dialógica, impõe-se hoje como um dos desafios mais fundamentais da humanidade.

Na verdade, "O fundamentalismo é uma realidade recorrente nas religiões nos tempos modernos, surgindo sempre como uma reação aos problemas da modernidade[6]". Quando se refere ao contexto religioso, esse termo foi aplicado pela primeira vez na passagem do século XIX para o século XX, que alude a um movimento teológico de origem protestante.

Não é demais afirmar, que o fundamentalismo nasce nos Estados Unidos como reação ao modernismo e liberalismo teológico e tendo como bandeira as ideias de inerrância bíblica, de escatologia milenista e de antiecumenismo, situação que se agravou após o violento atentado de 11 de setembro de 2001, quando a questão do fundamentalismo foi muito enfatizada pelos vários meios de comunicação. Como decorrência desse episódio, há uma tendência na mídia ocidental, certamente fortalecida após esse acontecimento, a identificar e/ou reduzir o fenômeno do fundamentalismo à questão islâmica, o que é um grande equívoco. É evidente que esse fenômeno irá marcar presença no Islã bem depois do que a verificada nas duas grandes tradições monoteístas, ou seja, judaísmo e cristianismo. Somente nos anos de 1960 e 1970, é que essa tendência irá ocorrer no Islã.

[6] TEIXEIRA, Faustino; DIAS Zwinglio Mota. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**. Aparecida-SP:Santuário,2008, p.197.

Na verdade, o termo fundamentalismo está intimamente ligado à sua origem no contexto cristão, assumindo uma conotação bem determinada. É mais afirmado como sendo uma tendência do conservadorismo protestante americano, que tem como fundamento uma interpretação literalista e estreita da Bíblia.

Ademais, o fenômeno atual do fundamentalismo marca presença em diversas tradições religiosas, inclusive envolvendo aquelas que se caracterizam por perspectiva inclusivista, a exemplo do hinduísmo e budismo. Quanto ao judaísmo, a resposta aos desafios da modernidade aconteceu por vias diferentes, ou seja, seguindo posições reformistas e abertas ao processo de assimilação da dinâmica moderna, mas houve também o reforço de tendências ortodoxas, rigidamente críticas aos ideais iluministas.

Com relação ao catolicismo, o fundamentalismo estará mais evidenciado nos procedimentos modernos com os quais a tradição eclesiástica busca resguardar as decisões doutrinárias obrigatórias. Ocorre que, enquanto os protestantes enfatizam a infalibilidade das Escrituras, os católicos acentuarão a infalibilidade do magistério.

O diálogo deve ser visto como o caminho para pacificar o destino histórico da humanidade. Sobre a questão do diálogo, Panikkar argumenta que:

> Sem o diálogo, o mundo sofrerá um verdadeiro colapso. Aqui é a decisiva práxis, e cada um de nós deve dar o seu próprio contributo. Mas a urgência da tarefa não deve fazer-nos esquecer de outras facetas do diálogo. A boa vontade, por si só, não chega[7].

Vê-se, pois, que em meio a tantos conflitos religiosos que existem no mundo, inclusive com a presença de fundamentalismos, a instrumentalização de credos religiosos para fins terrivelmente bélicos,

[7] PANIKKAR, Raimon. **O diálogo indispensável: paz entre as religiões**. Portugal: Zéfiro, 2007.

causando a inquietude espiritual, além de outros malefícios que afetam o planeta, com consequências ao meio ambiente e, principalmente, ameaçando a tranquilidade dos povos de diversas nações, não há como prescindir do diálogo inter-religioso.

Diante de uma situação conflitante do mundo hodierno, é urgente que se estenda a mão ao diálogo, como um convite ao debate e ânimo para o desencadeamento de uma práxis renovada. Nesse horizonte, o diálogo com outras tradições religiosas passa a ser, sem dúvida, uma aventura consciente e grandemente enriquecedora para as tradições religiosas que se dispuserem a dialogar. Deste modo, dialogar não é uma simples discussão, mas uma atitude humana básica, que requer reflexão interior. Ele não é, portanto, uma anulação de crenças, nem manipulação de ideias, mas uma convergência em busca da paz mundial.

Ainda segundo Panikkar, "O diálogo tem um núcleo místico não visível na superfície das relações humanas. Algo sucede no coração de cada dialogante e algo sucede no núcleo mais interno do mundo[8]".

Não há dúvida, Panikkar é um dos maiores expoentes do diálogo inter-religioso. Ele apresenta o diálogo inter-religioso numa dimensão ampla, quando se refere a uma experiência holística e integral, na qual o ser humano se compromete e fica isento de disciplinas ideológicas ou doutrinárias.

Na verdade, o diálogo inter-religioso deve transcender os aspectos políticos, ideológicos e até mesmo se desvencilhar de pré-conceitos das suas crenças e tradições religiosas. Deve-se considerar que para existir diálogo, primeiro deve haver abertura e desprendimento entre os dialogandos, numa preparação prévia e precedido de um clima de silêncio que deixe fluir espontaneamente o diálogo.

[8] PANIKKAR, Raimon. **O Diálogo indispensável: paz entre as religiões.** Portugal: Zefiro, 2007. P. 60.

A arte de dialogar não é fácil, mas é possível na medida em que prevalece o interesse mútuo. Sem o diálogo inter-religioso a humanidade caminha na contramão da história, da cultura e da civilização.

Considerações finais

A concepção do que tentei expor até aqui, apresentando os três modelos ou posições no âmbito da teologia das religiões, conhecidos como exclusivismo, inclusivismo e pluralismo, move-se decididamente na órbita da segunda posição, que é o inclusivismo, não por uma opção reducionista quanto aos demais posicionamentos da teologia do pluralismo religioso, e sim porque o inclusivismo parece responder bem, ou ao menos suficientemente bem, às preocupações legítimas do respeito e da abertura aos demais paradigmas, sem para tanto incorrer no fundamentalismo ou no relativismo.

Na verdade, a intenção é mais ampla, e o ânimo é mais abrangente. Verdadeiramente, o propósito é delinear um percurso em direção a uma "teologia cristã do pluralismo religioso".

Não obstante ainda ser jovem, a teologia das religiões tem feito um bom caminho. Um olhar para trás vai dar conta de que ela registra marca variada de posições e multiplicidade de respostas dadas pelos teólogos ao problema central do significado da pluralidade das religiões que é, inevitavelmente, uma questão da modernidade.

E nessa perspectiva, pode-se afirmar, definitivamente, que o conhecimento de outra tradição religiosa requer o diálogo inter-religioso. Para que haja um diálogo inter-religioso autêntico é necessário reconhecer o valor do pluralismo religioso.

"Ser inclusivista e aberto ao pluralismo significa demarcar a identidade cristã numa perspectiva de diálogo inter-religioso[9]".

[9] PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo:** diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré. São Paulo:Paulinas, 2007. P. 13.

Para que haja diálogo, é imprescindível que o dialogando não seja portador de uma verdade absoluta. O diálogo pode conduzir a um encontro de vontades, caso não haja a absolutização da verdade de quem se arvora ao diálogo.

Segundo Dupuis, a Igreja, como mistério derivado e totalmente relativo ao mistério de Cristo, não pode constituir o metro com que medir a salvação dos "outros"[10]

De resto, não há como manter em curso atitudes hostis ou um vocabulário deletério com respeito às outras religiões. Urge, pois, recuperar o essencial "espírito de diálogo", bem como uma atitude mais positiva e otimista em relação aos desígnios misteriosos de Deus para a humanidade.

Exclusivismo, jamais. Inclusivismo, este sim, é o caminho da convergência. Quanto ao pluralismo, creio ser o caminho a que, no futuro, todas as religiões possam trilhar por ele. Por enquanto, o inclusivismo é uma opção plausível.

O grande desafio do cristianismo é aceitar que a realidade do Reino de Deus é vivida de modo antecipado numa troca mútua entre os cristãos e os "outros".

Referências

DUPUIS, Jacques. **Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso.** São Paulo: Paulinas, 1999.

HICK, John. **Teologia cristã e o pluralismo religioso**. São Paulo: Editorial, 2005.

QUEIRUGA, André Torres. **O diálogo das religiões.** São Paulo: Paulus, 1997.

PANIKKAR, Raimon. **O diálogo indispensável:** paz entre as religiões Portugal:Zéfiro, 2007.

[10] DUPUIS, Jacques. **O cristianismo e as religiões:** do desencontro ao encontro. São Paulo: Loyola, 2004.

HAIGHT, Roger. **O futuro da cristologia.** 1ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. **Teologia e pluralismo religioso.** São Bernardo do Campo-SP: Nhanduti Editora, 2012.

CAPELLO, Irene Martins. **O desafio do diálogo inter-religioso no pensamento de Jacques Dupuis**. Bauru: Edusc, 2005.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo:** diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré. São Paulo: Paulinas, 2007.

KNITTER, Paul F. **Introdução às teologias das religiões.** 1 ed.. São Paulo: Paulinas, 2008.

TEIXEIRA, Faustino. **Buscadores do diálogo.** 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

DUPUIS, Jacques. **O Cristianismo e as religiões**: do desencontro ao encontro. São Paulo: Loyola, 2004.